

A convergência das crises



O espalhamento do vírus obedece a uma lógica diferente da crise econômica. Seu comportamento encontra-se ainda em estudo. Mas impacta mais rapidamente o dilema de vida ou morte

Por **Roberto Jorge Regensteiner***

Que crises são estas que se sobrepõem? A crise do Covid-19, a crise econômica, a relação da sociedade urbano-industrial com a Natureza (com **e**ne maiúsculo). Quer dizer que os seres humanos achavam que não faziam mais parte da natureza? Se esqueceram desse fato básico da biologia? Ou então, como sociedade global, como todo social nunca o aprenderam verdadeiramente, eis que a interconexão de 9 bilhões sobre um planeta limitado nos ocorre a todos pela primeira vez. É um novo desafio...

Poderíamos dizer que um hipotético Zeus enviou um míssil, batizado de Covid-19, só para nos recordar que somos parte da natureza, que precisamos de oxigênio, água, de toda a Tabela Periódica dos elementos. Tomemos logo consciência disso e aproveitemos a convergência das crises para uma reestruturação completa da sociedade global rumo ao ecossocialismo.

A irrupção do Covid-19 num ponto fulcral do sistema produtivo mundial, fez com que a produção industrial chinesa cair primeiro trimestre de 2020. Interrompeu bruscamente fluxos de mercadorias, ao longo das geografias, afetando analogamente fluxos financeiros diretos e derivados.

O espalhamento do vírus obedece a uma lógica diferente da crise econômica. Encontra-se ainda em estudo. Mas impacta muito mais rapidamente, no curto prazo, o dilema de vida ou morte. Sabe-se pouco sobre ele além de que se transfere de um humano a outro por meio do contato entre (simplificadamente) secreções e mucosas superiores.

Considerando que o valor humano mais importante é a

preservação da vida, foi uma sorte a infecção tivesse começado na China como ficou claro pela capacidade que o país demonstrou para enfrentar o problema. Entre sua identificação inicial (em dezembro de 2019) e o momento atual prevalecem estatísticas de diminuição da letalidade do Covid-19 naquele país, configurando um gráfico em curva de sino que, agora, aponta para baixo.

Enquanto isso a Europa, os EUA e outros países preparam-se para vivenciar a fase ascendente do problema. Oxalá se saiam melhor, posto que tiveram mais tempo que os chineses para se preparar e se quiserem ser inteligentes se beneficiarão da experiência que a China colocou à disposição de todos os países. Mas dá medo ver a incompetência de Donald Trump, do primeiro ministro britânico Boris Johnson e de Jair Bolsonaro (não necessariamente nesta ordem) para lidar com o problema.

A República Popular da China, dirigida pelo PCC (Partido Comunista da China; cada país tem o pcc que consegue ter...), deu um show de bola!, mostrou-se um exemplo de organização social seguida da disposição de colaborar com outros países em busca do bem comum. Negue isso quem quiser! Apontem o primeiro dedo para as normais hesitações iniciais na identificação do problema que houve na China, os países e regimes que nunca sofreram do pecado de reconhecer só depois um problema, apenas quando ele se torna calamidade. Há muitos exemplos.

Na China, a identificação das medidas fundamentais a serem tomadas e sua magistral execução calam fundo na alma dos admiradores da engenhosidade humana: da execução do *lockdown* à concretização das obras *turn-key* de dois hospitais (pensem no planejamento que há de haver por trás!); do desenvolvimento de parcerias em busca de vacinas até sua postura impecável de oferecer ajuda às demais nações. Meus aplausos e gritos de bravo! Isto é o que temos de inspiração para enfrentar um momento que é de dor por milhares de perdas para a doença na China, pelo féretro de caminhões do exército italiano transportando um número parecido de corpos para a cremação de vítimas de uma população que é pequena fração da chinesa.

Vejamos o que as outras nações fizeram com o prazo que lhes foi concedido pela sorte para se prepararem e vejamos quanto tempo dura o surto nestas outras localidades.

Esta é a hora em que cada governo nacional deve cuidar de sua população e, mais que nunca, é necessária uma articulação global para enfrentar as questões da saúde, no plano institucional, político e econômico, que suplante a força sistemas financeiros, da articulação entre Bancos Centrais e Bolsas de Valores.